



a situação de inferioridade do nosso cafeicultor, em relação aos demais, mostramos nas cotações obtidas no ano de 1959, nos principais países produtores do mundo:

PAISES	Preço pago ao produtor (sc. de 60 kg) Cr\$
1.ª — Quênia	11.700,00
2.ª — Tanganica	9.000,00
3.ª — Cúitvo	7.300,00
4.ª — Costa Rica	7.200,00
5.ª — México	7.000,00
6.ª — Angola	6.700,00
7.ª — Colômbia	6.500,00
8.ª — Índia	6.000,00
9.ª — Ruanda Urundi	4.700,00
10.ª — Costa do Marfim	4.500,00
11.ª — Madagascar	4.300,00
12.ª — Congo Belga	4.100,00
13.ª — Haiti	4.000,00
14.ª — Uganda	3.500,00
15.ª — BRASIL — São Paulo	1.920,00

Frondosos cafeeiros da variedade «Mundo Novo», com 6 anos de idade, pertencentes à Fazenda «Santa Clara», Norte do Paraná, do Sr. Flávio Baptista da Costa.

Somos contrários a uma política de valorização nos moldes da que citamos porque ela não representa uma política e sim uma cartada — que, infelizmente, perdemos. Entretanto, somos daquela corrente que acha que precisamos defender preços condizantes para esse nosso produto, pois, como verão nos quadros a seguir, o nosso orçamento de câmbio depende do café e, assim, é preciso que se trace uma autêntica política cafeeira e que recoloca o produto a serviço do desenvolvimento econômico do País, porque se trata, sem dúvida, de nosso primeiro produto estratégico e que, por isso, precisamos defendê-lo a qualquer custo, como defendemos o nosso petróleo e como defendemos os nossos materiais estratégicos.

Críticas, as mais acérrimas, são feitas sobre a defesa do café, que, na realidade, tem sido feita com seus próprios recursos e há ainda aqueles que acham que devemos abandoná-la, pois se trata apenas de uma sobremesa — mas que sobremesa maravilhosa, que dávida, que tem permitido tudo que existe de bom neste País.

Após mencionar uma série de dados estatísticos a propósito do confisco cambial assinava Pio da Silva:

«Isto pôsto, e se considerarmos que nos anos de 59 e 60 os chamados «Leões» venderam os «dolares» em torno de Cr\$ 230.000 acrescido de Cr\$ 18.72 do valor oficial, constata-se, então, que a contribuição da cafeicultura ao desenvolvimento econômico do País se apresenta muito mais substancial. Sim, porque a beleza de nossas metrópoles, com seus imponentes arranha-céus e edifícios públicos; Brasília, que o mundo todo admira; o automóvel, o ônibus, o trem e o avião; os combustíveis que os movimentam; essas belas estradas, aeroportos e estradas de ferro; a nossa Marinha Mercante e de Guerra; o garbo de nossas Forças Armadas e todo seu equipamento bélico, as nossas escolas e universidades, em que nossos filhos tomam contato com as letras e a ciência; o nosso parque industrial, motivo de orgulho e esperança de todos os brasileiros; as estações de rádio, televisão, telecomunicações; as usinas de energia elétrica, que estão dando forças para que o brasileiro se emancipe; o trator que prepara nossas terras e o adubo que multiplica nossas colheitas; os perfumes franceses da moda, os vinhos italianos e os «whiskies» escoceses — (fruto do contrabando, está certo) — os livros que dão luz a nossos filhos e os jornais que nos põem a par do que acontece no Brasil e no mundo; os produtos químicos e centenas de outros, é preciso que o brasileiro compreenda que tudo isso é fruto

de um grão maravilhoso, de uma dávida — o CAFÉ. Sim, o café, que nos deu de 1950 a 1960 média de 900 milhões de dólares e que desde 1821 insistiu em tratá-lo como madrastra.

A política cambial brasileira, pois, com essa discriminação contra o CAFÉ e o CACAÚ — e até o ano passado contra todos os produtos da agricultura — deixou o interior em misérrimas condições e se assemelha muito àquela praticada pelos Maia, quando o camponês dava um terço de sua colheita aos nobres, outro terço lá para os sacerdotes e ele ainda conservava o restante, que mal dava para sua sobrevivência; e também aquela dos «dizimos», nas sociedades feudais da Europa, que se tornou tão intolerável que acabou por conduzir à revolução.

Com a política do «terço» ou do «dizimo» nenhuma atividade poderá sobreviver e muito menos quando essa atividade se alicença e se fundamenta no campo, onde tudo é incerteza.

Visitei os Estados Unidos em outubro último, fazendo parte da comitiva de estagiários da Escola Superior de Guerra. E cheguei à conclusão, depois de apreciar a sua agricultura e o carinho que se lhe dispensa, que a grandesa daquele extraordinário País se alicença na terra, onde 13% da população se encarrega da subsistência de 170 milhões e ainda se dá ao luxo de oferecer alimentos para o mundo todo.

Cumpra ao atual Governo, pois voltar suas vistas para o interior e prestigiar a agricultura brasileira com crédito supervisionado, assistência técnica e científica, uma verdadeira revolução agrária — e não revisão agrária — para que a nossa agricultura se emancipe e dê ao Brasil o mesmo exemplo que ela deu e está dando nos Estados Unidos.

Os Engenheiros-Arônimos Walter Lazarini e Rui Miller Paiva, da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, em muito oportuno trabalho, demonstrando

O cafeicultor brasileiro face ao «confisco cambial», foi o que efetivamente menos recebeu por sua safra, em relação a outros 14 países concorrentes.

Concordamos que há superprodução — brasileira e não mundial —, concordamos que é da pior qualidade o estoque de café brasileiro, justamente por falta de estímulo governamental, que nas duas últimas safras houve por bem premiar o de péssima qualidade. Todavia, a manter-se essa discriminação, estarão, nossas lavouras — boas e más — fadadas a desaparecer pois nenhum cafeicultor, salvo raras exceções, poderá suportar tamanho encargo. Urge, pois, que racionalizemos nossos sistemas de produção e exportação, porque, da forma em que nos encontramos, a catástrofe será inevitável.

CONTRABANDO

A diferença considerável entre os preços internos — em «cruzeiros» — e os externos, que se obtieram por uma liquidação do preço em dólar vem ativando nos últimos anos a prática do CONTRABANDO, acentuando-se mais agora a partir de 1959, quando o Instituto Brasileiro do Café passou a entregar ao mercado interno cafés para consumo a preços favorecidos — Cr\$ 1.200,00 e Cr\$ 750,00 — como já mencionamos no tópico respectivo.

Essa prática, que teve a região Norte como maior centro, ocasionou ao País um prejuízo de 500 mil sacas em 1959 e 100 mil em 1958 — e isso só para o mercado norte-americano — uma vez que as importações americanas acusaram 10.650.000 sacas recebidas do Brasil e as exportações registradas em nossos portos não foram além de 10.150.000 sacas.

Enquanto, pois, perdurar essa situação cambial a imoralidade campeará de Norte a Sul e de Leste a Oeste e dificilmente o Governo conseguirá evitá-la, ou mesmo atenuá-la. E isso tem causado uma sangria tremenda em nossas divisas, além da deterioração dos preços internacionais que o contrabando poderá provocar, e pensamos mesmo que tem provocado.

CAFEICULTOR

colha mais café com SALITRE DO CHILE

em cobertura, em doses parceladas, de 100 gr. com intervalos de 30 dias a contar da última chuva, iniciando a esparramação do cisco. Faça agora a sua encomenda para embarques imediatos ou futuros.

ARTHUR VIANNA — COMPANHIA DE MATERIAIS AGRICOLAS
Rua Florêncio de Abreu, 270 - Fone 32-7101 - São Paulo
O Salitre do Chile é encontrado à venda em todas as firmas de adubos.